11: Wagley SP22 Tapirapé

REVISTA
do
MUSEU NACIONAL

Orgão da Secção de Extensão Cultural do Museu Nacional

Publicação em março de cada ano e setembro

Secção de Extensão Cultural

A Secção de Extensão Cultural do Museu Nacional tem como principais finalidades divulgar conhecimentos de ciências naturais e antropológicas e auxiliar os professores de ensino destas ciências.

Para isso, proporcionará conferências aos visitantes, promoverá palestras de divulgação científica e auxílio de projeção educativa, ilustrará com o maior proveito o material que lhe seja dirigido, preparará, ou por escrito, organizará, ensinará, cursos de aperfeiçoamento para professôres primários e secundários, estabelecerá círculos de estudos de problemas de metodologia das ciências naturais, orientará os professôres na organização de museus escolares, dará instruções para a coleta de material científico, realizará pesquisas sôbre problemas de ensino das ciências naturais, distribuirá publicações gratis, utilizará todos os outros meios ao seu alcance para a consecução dos seus objetivos.

As visitas de escolas ao prédio de ciências do Museu Nacional deverão ser sempre previamente combinadas com a Secção de Extensão Cultural, para que os interessados recebam a necessária assistência ao chegarem ao Museu e durante a permanência dêles.

Os cursos profissionais anualmente dados no Museu Nacional, com coleção de ervas, sôbre o objetivo para estudo, durante as visitas, palestras e aulas.

Nota — Estão suspensas temporàriamente as visitas ao Museu Nacional por motivo das obras. Os professôres, porém, serão atendidos em suas consultas pessoais ou por escrito.

SUMÁRIO

Ano I Abril 1945 N. 1

	Pag.
Atividades dos visitantes do Museu Nacional	1
Breve notícia sôbre os serviços especializados (O Zoológico) — Noe Vidal	4
O Dia na Árvore — Jean Dorst	6
Bandeirantes em nossos lares — Os habitos de formigas — Carl Hoeppfner	10
Assistência educacional — Vitor Bernardo	12
Um transporte aéreo: A autogiro — Charles Wagley	14
Lecturas e Acuerdos, resolvidos na Conferência — P. Vasconcelos Filho	17
O comércio — J. Mesquita	20
Temperatura, suas necessidades — Osvaldo Costa Pereira	21
Os novos vegetarianos	23
Os animais — Sir Lawrence Bragg	25
Dias Excursões ao Museu Nacional — Vitor Bernardo	28
Informações, sôbre concessão de vagas nestes cursos	Capa 32

NOSSA CAPA

Fotografia do exemplar Zoológico, existente no recinto do terreno do Museu Nacional, e reservado para oportunidade exclusiva.

(Fotografia do Museu Lobo)

Tôda correspondência deverá ser dirigida ao diretor do

MUSEU NACIONAL

Quinta da Boa Vista — Rio de Janeiro, D.F. — Brasil

[TITLE PAGE]

11: Wagley SP22 Tapirapé

Um Tapirapé atinge a maioridade

Charles Wagley
[illegible]

[RIGA]

OS ÍNDIOS Tapirapé habitam o Brasil central, ao norte do rio Tapirapé, afluente esquerdo do Araguaia, situado no extremo sul do Estado do Pará. Falam um dialeto tupi-guarani — a língua nativa mais difundida no Brasil. Apesar de grande declínio de população, ainda possuem uma rica tradição cultural, que lhes é própria e os destaca de outras tribos. Com grande carinho, transmitem oralmente, de geração a geração, costumes e tradições. Entre estas é das mais interessantes a cerimônia pela qual o jovem passa à condição de homem adulto. Essa passagem é assinalada em quase todos os povos. Entre nós, quando um jovem civilizado atinge os 21 anos de idade, pode votar, casar-se, assinar documentos, etc.; em muitos grupos primitivos, o jovem prova que se tornou adulto suportando torturas ou conseguindo êxito na caça.

Entre os Tapirapé, essa tradição é assinalada por um festival de canto e dança, chamado "amarrar o cabelo", pois que desde então o rapaz passará a usar o cabelo amarrado sôbre a nuca, à maneira dos adultos. Durante alguns anos que precedem a cerimônia, o jovem tem o corpo pintado de preto com genipapo, usa o cabelo cortado reste à cabeça — "como um macaco", no dizer dos Tapirapé — sujeita-se a restrições na alimentação, e tem os braços e pernas escarificados até sangrar, "para ficar forte". Quando êle atinge 14 ou 15 anos de idade, a família decide que é chegado o tempo de se tornar adulto.

Ao findar a estação das chuvas, época da colheita e conseqüente fartura para a tribo, realiza-se a cerimônia de "amarrar o cabelo". Meses antes, o jovem deixa o cabelo crescer até lhe cair pelos ombros. Durante êsse tempo, mãe e tias tecem fios (cordões) para enfeitá-lo, enquanto pai e tios coleccionam penas com que fabricarão caprichosos ornatos. Todos os jovens Tapirapé se tornam adultos por meio dêsse rito; os filhos de homens importantes, porém, e os que foram "filhos prediletos" (os Tapirapé elegem determinadas crianças para um tratamento preferencial) são muito mais ricamente ornamentados que os outros. A cerimônia é dispendiosa à família, sendo necessária muita antecedência para recolher o material — penas de cauda de arara, penas curtas de arara azul e de papagaio, penugem do peito de patos selvagens, fios de algodão para os ornamentos e mimosgas. Todos êsses artigos são valiosos para os Tapirapé, que medem por êles a própria riqueza.

Na véspera do ritual, iniciam-se os preparativos. O corpo do jovem é pintado de preto, com genipapo. No resto, é desenhada uma linha preta abaixo da bôca.

e um círculo sob os olhos, cujos cantos são alongados com um traço. O pai ou os tios ultimam a preparação de um grande diadema. Ao amanhecer do dia da cerimônia, o jovem é conduzido à grande casa cerimonial, edificada no centro da aldeia tapirapé, e o seu cabelo é preparado para receber o grande *ankungitawa* (diadema), fabricado de muitas penas de arara, papagaio e pato, presas a uma base de buriti e madeira dura, pesando cêrca de cinco quilos. O cabelo é aparado e amarrado num rôlo, sôbre a nuca, com uma corda de pelo menos cinco metros de comprimento, para fornecer base à fixação do grande diadema. O lábio inferior é ornado com um tembetá cerimonial de quartzo.

A cerimônia propriamente dita tem início com a manhã já avançada. Durante 24 horas o jovem dança seguidamente, cercado pelos companheiros de tribo, e acompanhado pelos cantos e danças de homens e mulheres. Dança pouco à vontade, não tardando a fatigá-lo o pêso e o desconfôrto dos ornamentos. A tradição tapirapé explica êsse ritual como uma prova de resistência para os seus jovens. Segundo uma lenda, um antepassado tapirapé, chamado *Xavanamu*, e seu filho *Makanci* foram capturados por uma tribo inimiga. *Xavanamu*, foi devorado, e o filho obrigado a dançar sob o pêso de um grande diadema, além de inúmeros ornamentos que lhe cobriam o corpo. Ao fim de um longo dia de dança, *Makanci*, ainda forte, logrou fugir, embrenhando-se pela floresta, seguido de perto pelos inimigos. Ao chegar a um grande tronco oco, desapareceu. Hoje em dia os jovens tapirapés usam ornamentos semelhantes ao que seu antepassado abandonou.

Em 1941, quando assistimos ao "amarrar o cabelo" do jovem *Kawcinampió*, vários Tapirapé predisseram que êle choraria, "pois ia ficar muito cansado durante a noite", mas o jovem resistiu valentemente. Contudo, é de outra forma que os homens relembram a sua iniciação. Um dêles disse; "Quando eu dancei, estava mais belo que em qualquer outra ocasião". E' certo que em nenhuma outra época da vida o indivíduo recebe tantas atenções, se exibe tanto e com tão ricos ornamentos. E isto na adolescência!

Assim, os Tapirapé transformam esta cerimônia em oportunidade de divertimento, que seus homens recordam mais ou menos da mesma forma por que as nossas jovens relembram o primeiro baile.

Na época que se segue ao plantio, êle deve trabalhar nas roças, participando daí por diante das caçadas, provando assim a capacidade para casar e sustentar família.